

A PARCERIA FAMÍLIA-ESCOLA NA FORMAÇÃO ÉTICA E INTELECTUAL DA CRIANÇA: educar para o mundo na modernidade líquida na perspectiva da filosofia contemporânea

*Lais Alves de Araújo**

*Bruna Milene Ferreira***

Resumo: Diante da realidade social e econômica imposta pelo capitalismo, na qual o labor, o consumismo e a alienação são a forma de pensar e viver da maioria das pessoas, a educação das crianças mais uma vez está sendo abandonada, delegada a terceiros que não possuem de fato essa responsabilidade ou não detêm autoridade para isso, causando diversos transtornos. O presente artigo vem discutir o processo de formação ética e intelectual da criança, levando em consideração a influência da família, da escola e da sociedade nesse processo. O objetivo deste trabalho é refletir sobre a influência do capitalismo no processo de formação das crianças, englobando os novos modelos de família, o papel dela e da escola, bem como a importância do trabalho conjunto entre família, escola e professor para atenuar as dificuldades de aprendizagem na sociedade pós-moderna. A metodologia utilizada no desenvolvimento do artigo em questão foi um levantamento bibliográfico baseado nos seguintes autores: Zigmunt Bauman, Luiz Felipe Pondé, Hannah Arendt, Solange Jobim Souza, entre outros, que abordam o conceito de família, sua influência no processo ensino-aprendizagem, o papel da escola e a função social e ética do professor.

Palavras-Chave: Capitalismo. Pós-modernidade. Educação. Família. Escola.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade em geral delega a educação para as escolas, o que traz uma preocupação para os educadores da atualidade, dado que cada vez mais as crianças se tornam dependentes social e psicologicamente de pais e educadores. As crianças carentes de atenção, estímulos cognitivos, afeto e limites apresentam dificuldades em relação à aprendizagem em geral, principalmente no que se refere ao ambiente escolar. Compreender alguns desses aspectos pode auxiliar o trabalho do professor em sala de aula e também a orientação da família para que as dificuldades de aprendizagem sejam minimizadas ou até sanadas.

O capitalismo, como modelo econômico, na maior parte do mundo, transforma tudo ao seu redor. As pessoas trabalham cada vez mais e se esquecem da família; outras optam até por não tê-la. A educação dos filhos na maioria das famílias brasileiras é de responsabilidade de familiares de segundo grau e da escola. Atualmente, isso se tornou

* Graduada do curso de Pedagogia da Faculdade Alfredo Nasser em 2018/2.

** Mestre em Filosofia pela UFG. Professora de Filosofia, Sociologia e Pesquisa Educacional na Faculdade Alfredo Nasser.

um grande problema para a educação escolar e social, visto que o descarte dos valores tais como respeito, tolerância, igualdade, aceitação do próprio eu, entre outros, criam crianças despreparadas para a convivência no mundo e para a aquisição de uma boa aprendizagem.

Todos os dias professores enfrentam o desafio de ensinar conteúdos diversos às crianças que apresentam algum tipo de dificuldade, seja ela comportamental ou cognitiva. No meio desse processo ensino-aprendizagem, se encontra a família, que pode ser participativa ou ausente. Diante dessas considerações, os objetivos desse artigo são: discutir os efeitos da sociedade capitalista no desenvolvimento ético e cognitivo da criança; refletir sobre como a família, ou a falta dela, afeta diretamente o desenvolvimento cognitivo e social; e, por fim, buscar orientações pedagógicas para auxiliar o trabalho do professor diante das dificuldades de aprendizagem e de comportamento dos alunos.

Neste artigo a metodologia utilizada foi um levantamento bibliográfico, que possibilitou a contextualização histórica das diversas mudanças conceituais sobre a família e sua importância no desenvolvimento cognitivo do ser humano e pela necessidade de analisar diferentes pontos de vista sobre as causas do baixo rendimento escolar, que é um problema cada vez mais presente nas escolas. Foram utilizados para a composição do referencial teórico os autores: Zigmunt Bauman, Luiz Felipe Pondé, Hannah Arendt, Solange Jobim Souza entre outros.

2 HISTÓRIA SOCIAL DA FAMÍLIA E DA CRIANÇA

Atualmente, vive-se uma problemática que envolve a família, ou melhor a falta dela na vida da criança, inclusive na fase em que a criança se constitui como sujeito, com formação da personalidade e construção de conceitos de ética e moral, a qual vai se formalizando como cidadão apto a viver e conviver em sociedade. Para tal, é louvável saber a origem e os modelos de famílias que permearam a sociedade de tempos atrás para contextualizar a problemática, pois a partir da historicidade é possível uma dialética que envolve conceito de família e infância na modernidade sólida e suas concepções na pós-modernidade.

Aries (2006) discute a visão que a família tinha sobre as crianças na antiguidade e como ela é tratada até os dias de hoje. Na antiguidade, as crianças não tinham valor algum, as famílias eram numerosas e elas eram criadas soltas à mercê do que

conseguissem aprender. Posteriormente, elas começam a ser vistas como um adulto que ainda ia crescer, usavam roupas de adulto e seu comportamento deveria ser muito semelhante ou até igual ao dos pais ou avós. As opiniões e vontades da criança não eram levadas em consideração, nem mesmo suas fases de desenvolvimento. De acordo com o autor (2006, p. 99),

O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solidão constante de sua mãe ou de sua ama, ela se ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais deles.

A educação escolarizada das crianças não era prioridade. Quando se dizia para “aquele menino que está na hora de ir para a escola”, não se tratava necessariamente de uma criança. Quando chegavam a ir à escola, as salas não eram divididas por idade, os alunos ficavam misturados e o conteúdo era aplicado de forma tradicional. O desenvolvimento cognitivo e emocional de cada criança não era respeitado, nem mesmo levado em consideração. Esse modo de educação persistiu ao longo do século XVII. Vale ressaltar que nessa época a escola era quase que exclusivamente para o sexo masculino.

Nas escolas modernas, a disciplina era o fator preponderante e as crianças cada vez mais estavam submetidas a um forte controle comportamental, mostrando para as famílias que, se elas fossem educadas moral e socialmente, aprenderiam mais no sentido cognitivo. Essa educação escolarizada também dependia da classe social a qual o indivíduo pertencia; a educação não era um direito de todos.

Ainda segundo Aries (2006), surge a Escolástica e, com ela, começou a compreender-se e a aceitar que a criança tinha uma forma de ver o mundo diferente. Surge então a psicologia da educação, ainda não muito aceita pelas escolas. Começa a haver uma transformação nas salas de aula, agora já divididas por idade e também por classes sociais. O ensino dito de qualidade, superior, passa a ser privilégio dos homens de poder, que tinham algum cargo de alto escalão ou ricos. O ensino técnico e secundário era difundido entre os pobres e burgueses.

Só no século XVIII, a educação começa a ser tratada de forma a respeitar o direito da criança e ainda sim de forma bem dividida por classes sociais. No Brasil, em específico, entre a construção de diversas legislações, avanços e retrocessos, o direito à

educação para todos, com qualidade e mantida pelo Estado, só acontece na lei, quando surge a Constituição Brasileira de 1988, que afirma:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, p. 65).

O direito de todos a uma educação de qualidade e para todos, mesmo estando na lei, ainda está diferenciado em classes como na modernidade sólida. As famílias e o poder econômico delas ainda possuem forte influência no quesito educação. As famílias mudaram muito, as mulheres agora não ficam mais por conta dos filhos como antigamente, mas pode-se observar que a atenção com relação à educação escolarizada por parte da família vem tendo um grande retrocesso. A sociedade capitalista exige que os pais trabalhem cada vez mais, delegando essa função única e exclusivamente à escola, sendo que a última não tem mais a autonomia e autoridade de antigamente e da primeira modernidade.

Na visão de Machado *et al.* (2009), as grandes evoluções tecnológicas e os meios de produção em massa, a partir da metade do século XX, influenciaram fortemente os modelos de família. Elas passaram de famílias patriarcais, em que o homem era o provedor e a mulher cuidava da casa e dos filhos, para famílias com pais que trabalham e a educação dos filhos passa a ser delegada a terceiros, como avós, parentes próximos, berçários e escolas. O consumismo exagerado torna-se um meio de compensação pela ausência dos pais e a falta de limites éticos e morais torna-se cada vez mais evidente. Os autores (2009, p. 2) ressaltam:

O século XX foi palco de significativas mudanças na estrutura familiar. Transformações ocorreram na sociedade brasileira. A família sofre influências econômicas, políticas, sociais e culturais, ocasionando mudanças em seu interior, alterando assim a estrutura familiar. Sua modificação de sociedade rural, onde prevalecia a família paternalista e fechada em si mesma, para uma sociedade de base industrial com suas decorrências sociais, geográficas e culturais ocasionou alterações acentuadas na estrutura do modelo tradicional de família.

Nesse sentido, Machado *et al.* (2009) relatam que a mulher na sociedade passa a ter diversas funções, como dona de casa, mãe, esposa e ainda ajudar financeiramente nas despesas da casa. Ela também passa a ser menos submissa e, com isso, o número de casamentos diminui e aumenta a quantidade de divórcios. As crenças religiosas devido às

mudanças capitalistas começam a ficar em segundo plano. Tudo isso influencia na desestabilização da estrutura familiar tradicional.

Para Zamberlam (2001), já que a responsabilidade de sustentar a casa agora é também da mulher, ela passa a escolher se irá se casar, se vai ou não ter filhos, sendo casada ou solteira. Os papéis femininos e masculinos, bem como sua importância dentro da família, estão sendo redefinidos. O número de pessoas pertencentes à família vem diminuindo, refletindo na quantidade de filhos e na própria estrutura de pai-mãe-filhos, que atualmente não é padronizada. A autora (2001, p. 96) acrescenta:

A família e, por consequência, o Direito de Família, no seu encaço, vêm sofrendo profundas mudanças na sua estrutura interna e social. Para além da família tradicional, outros arranjos familiares são compostos na contemporaneidade, e estes novos arranjos cumprem a função que a sociedade destina à família – transmissão da cultura e formação de sujeitos.

Nesse contexto, surgem diversos modelos de família e a responsabilidade de cuidar dos filhos e sustentar a casa é definida agora não mais pelo sexo e sim pela competência emocional e financeira. Crianças são criadas por pais separados ou somente pelo pai ou mãe, pelos avós, pelos tios, por casais homoafetivos, por pais adotivos, entre outros arranjos familiares. Devido a essa grande instabilidade familiar provocada pela sociedade pós-moderna, os laços familiares se tornam cada vez mais frágeis. Surgem mais pessoas individualistas e preocupadas com bens materiais, deixando de lado os vínculos afetivos, principalmente com relação à família e filhos.

Família e filhos deixam de ser um desejo de realização emocional e passam a ser um desejo de consumo, ou seja, muitos querem mostrar para a sociedade uma família bem consolidada, feliz e com filhos. Isso demonstra *status* de felicidade, bem-estar financeiro e emocional. Numa sociedade “onde o parecer ser” é mais importante do que realmente ser, as famílias se tornam superficiais e travam relacionamentos empobrecidos. De acordo com Bauman (2004, p. 59):

Objetos de consumo servem a necessidades, desejos ou impulsos do consumidor. Assim são os filhos. Eles não são desejados pelas alegrias do prazer paternal ou maternal que se espera que proporcionem alegrias de uma espécie que nenhum objeto de consumo, por mais engenhoso e sofisticado que seja, pode proporcionar [...].

A sociedade capitalista dita regras de conduta, em que as famílias devem trabalhar exaustivamente para suprir as necessidades básicas dos filhos, com prioridade aos bens

de consumo não duráveis, como brinquedos, roupas e eletrônicos, se esquecendo, muitas vezes, do carinho, da educação escolarizada, moral e ética de boa qualidade. Desde muito pequenas, as crianças são estimuladas e educadas para ter o máximo de coisas possíveis, a palavra “não” está sendo extinta do vocabulário dos pais e familiares, para evitar transtornos como birras, choro e sentimento de exclusão social.

Conforme Marx (1999), a ideologia capitalista afirma que, por meio do trabalho, as pessoas podem conseguir o que almejam. A alienação aos meios de produção e as novas tecnologias iniciam o processo de reificação ou coisificação do homem e o processo de transformação de pessoas em objetos, que as levam a perderem a capacidade de raciocínio e de criticidade, torna-as fáceis de manipular, sem perspectiva de melhora real, pois tudo está bom do jeito que está. A forma de pensar que tudo pode ser comprado, basta trabalhar para conseguir, leva o trabalho a ser prioritariamente a forma de viver e os sentimentos e relacionamentos passam também a ser mercadoria. Isso demonstra que a sociedade se torna cada vez mais individualista. Com a criança não é diferente, ela é atualmente vista como mercadoria. Assim como antigamente, ela não ocupava o papel central, pois o centro se volta à mercadoria comprada para ela, para suprir a falta de afeto e tempo que os pais negligenciam.

Desse modo, é possível fazer uma analogia como retrocesso dessa sociedade de facetas, pois há tempos atrás a criança era vista como um adulto em miniatura, tendo que seguir padrões de adultos, não respeitando suas fases. Hoje, fala-se tanto em valores, mas o que se vê é a falta deles. Reproduzindo as atitudes dos adultos, “adutilizando” as crianças cada vez mais precocemente, mas claro, que como a sociedade é politicamente correta, isso fica nas entrelinhas.

Bauman (2001) denomina o tempo histórico atual como modernidade líquida ou pós-modernidade por alguns motivos: o desenvolvimento do capitalismo, gerando cada vez mais empregos para todos os tipos de pessoas, pois o Estado precisa gerar renda, as pessoas devem ter dinheiro para consumir cada vez mais e trabalhar cada vez mais. As ditas minorias, mulheres, negros, pobres, homoafetivos, crianças entre outros, agora aparecem na sociedade com mais força e possuem seus direitos assegurados por lei. A medicina, cada vez mais avançada, possibilita um aumento da expectativa de vida e com melhor qualidade.

Ainda de acordo com o autor (2001), a diversidade religiosa aumenta a intolerância, pois a defesa de que uma determinada doutrina é superior a outra ou até mesmo a condenação de quem não acredita na religião gera violência e forma ideologias

que dividem cada vez mais a população. Os relacionamentos virtuais estão cada vez mais presentes, namoros à distância, amigos que nunca se viram pessoalmente, vidas expostas em redes sociais a espera da aprovação de pessoas, na maioria das vezes desconhecidas. Até o ensino está se tornando virtual, com as plataformas de aula de Ensino a Distância. Isso tudo para atender uma demanda da sociedade que não tem tempo, devido ao trabalho. Trabalho esse que deixa de ser também apenas em um determinado horário, devido aos e-mails e grupos de whatsapp que podem e devem ser visualizados e respondidos a qualquer hora do dia, para atender às exigências do mercado. Para Bauman (2001. p. 76),

As autoridades não mais ordenam, elas se tornam agradáveis a quem escolhe; tentam e seduzem. O “líder” foi um produto não-intencional, e um complemento necessário, do mundo que tinha por objetivo a “boa sociedade”, ou a sociedade “certa e apropriada”, e procurava manter as alternativas impróprias a distância. O mundo da “modernidade líquida” não faz nem uma coisa nem outra.

Diante dessa realidade, as hierarquias já não são respeitadas como antigamente, relações entre chefe e empregado podem ser confundidas em diversos momentos com amizade, escola e professores confundidos com família, o respeito ao conhecimento dos mais velhos não é mais valorizado, pois o acesso à informação é muito rápido e supre a necessidade momentânea. Isso tudo constituindo, como citado, diversos modelos de família, em que tudo é liberado e permitido, às vezes distorcendo o conceito de liberdade. Tudo nessa sociedade vai perdendo o valor, tanto financeiro quanto emocional, gerando insegurança em todos os tipos de vínculos que a sociedade pode proporcionar, como emprego, relacionamentos, família, educação, filhos. O resultado é uma sociedade cada vez mais individualista e consumista.

No momento em que tudo é motivo para processos, a verdade nunca é explícita, portanto, diante de uma sociedade ressentida e vitimista, a realidade sempre é ocultada como se as famílias fossem estruturadas e felizes, sendo que, na verdade, o que se vê, são pais sem estrutura psicológica para lidar com as cobranças sociais e da própria criança. As crianças, cada vez mais dependentes e inseguras diante de problemas cotidianos, devido à carência emocional, seguem o padrão das massas, já que o ser humano é fruto do meio, e por mais que a educação vise o desenvolvimento de forma plena, os meios sociais, os quais elas estão expostas, refletem o adulto que irão ser, seguindo o modelo da sua família, que é o seu primeiro contato social. Assim, ocorre também uma educação

informal, na qual os valores morais e cívicos, às vezes, não fazem parte do cotidiano. Contudo, a família é o alicerce e é a segunda natureza do homem.

Souza (2004, p. 38) salienta:

Portanto, o culto do eu, em oposição ao homem social, equivale ao culto de um eu alienado, super simplificado, porque o verdadeiro eu do ser humano é necessariamente um eu social, cuja natureza está fora de si mesma [...] a alienação surge como um divórcio entre o individual e o social, o natural e o autoconsciente [...].

Família, sociedade e educação formam um tripé básico na formação da criança, no entanto, com tantos valores invertidos, os educadores tentam provocar na sociedade o desejo de pensar e agir diferente, buscando meios de interface para intervir nos mecanismos que assolam a condição humana.

Bauman (2013) destaca todos os problemas sociais que provocam o mal-estar da sociedade contemporânea. Sabe-se que a criança tem sua natureza intrínseca, mas é louvável destacar os meios externos que moldam esta natureza. Percebe-se que a consciência é sempre consciência de algo, logo o homem não é coisa separada do mundo, de tal modo que homem e mercadoria se fundem para sustentar o sistema e tudo vira coisificação. Portanto, essa crítica foi levantada para ressaltar o fato de que a criança, em seu processo de formação, já é movida por desejos ligados ao materialismo.

Hoje, crianças de dois anos possuem *tablets* e são guiadas pelos veículos de comunicação de massa. Nota-se que crianças, quando não estão na escola, estão vendo qualquer coisa na TV ou nas redes sociais, porque os pais acham que dando tudo em termos de mercadoria, poderão suprir qualquer carência e isso se torna um círculo vicioso. Amanhã, essas crianças serão adultos alienados, reificados e vitimizados, passando a vida fugindo de relacionamentos interpessoais, se escondendo da realidade nas redes sociais e capazes de sustentar no máximo relacionamentos virtuais, o que leva ao culto ao consumo apenas e ao entretenimento sem conteúdo moral e intelectual.

Se a construção da identidade e da personalidade é formada através do outro, é preciso repensar estratégias para atender essas crianças egocêntricas, mimadas, fruto da educação que recebem da família e da sociedade no geral, onde o respeito está em desuso e a criança chega na escola tendo dificuldade em se adaptar a rotinas e normas. A rotina e a falta de estrutura familiar contribuem com esse comportamento, desvalorizando o professor, que atua no estímulo da aprendizagem do indivíduo como um todo, pois a verdadeira pedagogia deve abordar não somente conteúdos tradicionais. É necessário que

ela valorize o ser em sua plenitude através de valores sociais e comportamentais, que atinjam a consciência autônoma.

3 EFEITOS DA SOCIEDADE CAPITALISTA SOBRE O RENDIMENTO ESCOLAR INFANTIL: a mercantilização e a desumanização do ensino

Na visão de Silva (2017), a história das crianças com dificuldades de aprendizagem se limita a crianças com desordem no desenvolvimento da linguagem, da fala, da escrita e das interações sociais. Esses problemas podem ser causados por vários motivos: físicos, familiares e pedagógicos. Na história, essas crianças sempre foram discriminadas, taxadas como diferentes e começaram a ser isoladas da sociedade. Cada vez mais, o baixo rendimento escolar é confundido com dificuldade de aprendizagem. Diferenciar os dois é muito complexo, pois exige uma série de procedimentos para que essa análise seja feita de forma coerente.

Por isso, é importante que o docente tenha uma maior percepção para apoiar esse aluno. Desse modo, é relevante observar as crianças também no recreio, a forma que elas interagem com os colegas e até a forma de falar, para identificar se há um problema de baixo rendimento ou dificuldade na aprendizagem. Como o fator social é preponderante no quesito educação, essas observações empíricas fazem parte do processo de ensino, pois, se a criança apresenta alguma dificuldade, geralmente ela se isola e começa a ter comportamentos e atitudes diferentes dos demais.

Conforme Silva (2017), nessa perspectiva, a influência da família e do meio social faz toda a diferença. Desse modo, a escola tem que trabalhar não como parte isolada do processo ensino-aprendizagem e sim em parceria. Por isso que um bom professor é participativo na vida dos seus alunos.

Quando a família está integrada com a escola, é possível melhorar o rendimento escolar. Até mesmo se houver algum problema de ordem biológica, a escola tem mais acesso para relatar a dificuldade de modo a trabalhar com outros profissionais que possam ajudar, tais como: assistentes sociais, médicos, fonoaudiólogos, psicopedagogos, etc.

De acordo com Souza (2004. p. 159),

Ao negarmos uma compreensão da criança que a desqualifica como alguém incompleto, quer dizer, alguém que se constitui num vir-a-ser distante no futuro, privilegiarmos situá-la no espaço em que o tempo se intercrusa entre presente, passado e futuro, rompendo desse modo, com a noção de tempo vazio e linear que flui numa direção única e preestabelecida. A criança não se

constitui no amanhã: ela é hoje, no seu presente, um ser que participa da construção da história e da cultura de seu tempo [...]

Jesus e Silva (2012) afirmam que as mudanças na sociedade, nos aspectos sociais, políticos e econômicos, acentuam a falta da presença da família na educação dos filhos. Tal aspecto não é o único fator para o baixo rendimento escolar, pois o sistema educacional e a forma que os conteúdos são passados também influenciam nesse contexto. A família e a sociedade, geralmente, são de fato fatores fundamentais para uma educação de qualidade. A escola não é a única instituição a oferecer educação, mas a educação formal deve ser valorizada e estimulada para que a sociedade possa evoluir.

Na sociedade contemporânea, em que a liquidez permeia todos os campos da vida humana, nem a educação está salva, porque tudo gira em torno de um sistema que visa lucros e a escola acaba seguindo esse ritmo do mundo moderno. Entretanto, é preciso desconstruir esses paradigmas e repensar o ensino em sua totalidade, mesmo indo contra o sistema.

Segundo Bauman (2013), a pós-modernidade reestruturou a vida das pessoas, inclusive no quesito concepção de família e, como a escola não educa sozinha, é necessário quebrar paradigmas, para obter uma nova ótica dos modos de vida nos dias atuais. Vale ressaltar também que tal mudança tem grande influência no sistema capitalista, no qual as crianças já são vistas como pequenos consumidores e as indústrias cada vez mais produzem mercadorias específicas e exclusivas para elas, atraindo atenção e o desejo de consumo cada vez mais cedo.

Os meios de produção do mundo moderno atuam de forma a explorar e alienar o homem. Por isso, a escola deve intervir a partir dos anos iniciais, no sentido que a criança não é um ser separado do mundo, é um ser pensante e, inclusive, com grande poder de escolha. Nessa perspectiva, a consciência já deve ser trabalhada nessa etapa, claro respeitando a maturidade intelectual e emocional, de acordo com as fases de desenvolvimento da criança.

Souza (2004, p. 40) define:

Ora, a produção e a reprodução do sistema de valores na sociedade capitalista não se perpetuam automaticamente e, portanto, a questão da educação não pode ser encarada de maneira ingênua. Sabemos que a bem sucedida desumanização das relações sociais na sociedade de classe depende, fundamentalmente, do modo como crianças e adultos interiorizam princípios e valores que reforçam e consolidam o próprio funcionamento da sociedade capitalista.

A tarefa da educação na vida pós-moderna vai muito além de codificar e decodificar letras. Educar é agir no sentido de superar conflitos sociais e culturais, é dar sentido à consciência, de modo a desaliená-la. Levar a criticidade e o prazer de aprender é tarefa árdua e louvável, pois é conectar o ser humano aos reais valores que a sociedade mascara. Assim, compreender problemas de baixa aprendizagem perpassa, não somente, em analisar o aluno em uma sala de aula, a busca começa na família e nos meios sociais da criança.

Ser professor é dar um sentido à própria existência para criar condições e mecanismos para contribuir na vida dos educandos. Para tal, a problemática não dissocia família, baixa aprendizagem, sociedade e capitalismo. Por isso, fala-se tanto em educar para a vida, pois a escola deve dar autonomia para o indivíduo agir de forma consciente e crítica no meio em que está inserido. Tais valores devem começar na melhor fase da vida humana, que é o ser criança, o ser curioso, inquieto que questiona todos os porquês presentes na sua realidade dimensional e essa curiosidade deve ser instigada para que amanhã possa tornar-se um adulto reflexivo, capaz de transformar a própria realidade sociocultural e intelectual.

4 O COTIDIANO FAMILIAR E SUA RELAÇÃO COM A APRENDIZAGEM

Ao estudar o homem como ciência, é de suma importância considerar suas relações com o meio, inclusive o meio familiar. A primeira aprendizagem acontece de fato em seu nascimento, por isso a família é considerada o grupo social primário, tem grande poder de influência sobre o indivíduo e a partir deste o professor deve conduzir a relação entre aprendizagem e relações socioculturais.

Segundo Bauman (2013), ao adentrar na escola, o aluno começa a sentir a pressão de uma vida condicionada. Por mais que o meio escolar proporcione momentos de interação e ludicidade, também cumpre o papel de preparar o aluno para vida e, para isso, ele é subordinado a regras e limites. Desse modo, o professor deve ter um olhar amplo para as questões de aprendizagem, sendo que, nos anos iniciais, a aprendizagem está ligada à afetividade, à confiança que o pedagogo transmite para começar a internalizar conceitos, de modo que este transcenda ao conhecimento dimensional do seu mundo.

Sabe-se que a construção do conhecimento começa pela imitação. Por isso, na educação infantil, o lúdico é um grande aliado nas esferas do conhecimento, pois a criança começa imitando os pais, o desenho; se imagina sendo médico, professor e isso faz parte

da imaginação, que é considerado o campo subjetivo da mente, para que, posteriormente, se veja como um sujeito concreto no mundo.

O autor (2014) retrata que, nessa perspectiva, não existe docência sem família, pois tudo isso se contempla através do seio familiar. Portanto, a escola, em parceria com a família, alarga o conhecimento do aluno, em contrapartida, quando a família não serve de referência, o professor se vê imerso em um trabalho mórbido, no qual a família empobrece as faculdades mentais do sujeito.

A educação é tarefa da família, porém é necessário deixar essa ingenuidade de lado e compreender que hoje a educação é tarefa delegada à escola, pois, na grande maioria, se o aluno tem baixa aprendizagem e nenhum problema biológico, é nítido que o problema não é o aluno e sim a família, que não oferece nenhum estímulo ou estrutura psicológica.

Bauman (2013) insere um viés importante na arte de educar. Desse modo, é importante retratar que a aprendizagem acontece através da valorização do ser, por isso a criança tem que se sentir valorizada e para tal, o fator psicológico não deve ser abalado. Portanto, o educador deve olhar para o comportamento da criança de forma intrínseca, porque se a criança tem baixa aprendizagem, dificuldade de relacionamento, se isola ou apresenta comportamentos agressivos, cabe uma análise minuciosa da vida social desse aluno, de modo que só a escola não consegue resolver todos os problemas, sendo então necessário todo o contexto familiar para servir de alicerce a um aprendizado significativo e concreto.

Ao se referir à concepção de família, é necessária a compreensão que é o primeiro espaço que a criança ocupa, a partir deste cria sua personalidade e o meio familiar transmite os primeiros ensinamentos sociais, que serão internalizados e refletirão no seu modo de ser e agir. Por isso, a participação da família é importante no desenvolvimento do aluno e a escola deve olhar isso com aceitação, visto que os meios sociais não devem ser dissociados do quesito aprendizagem.

Bauman (2013) é perspicaz ao criticar a sociedade moderna que vive a era da razão instrumental, na qual muitos pais, pela pressão social do capital, acabam vivendo para o trabalho, deixando o filho à mercê da escola e, com isso, tentam suprir essa carência no ciclo do consumo.

A sociedade contemporânea vive em estado de dormência em relação às manipulações do capital, o que afeta diretamente os laços familiares e, claro, perpassa a

educação. O homem moderno cultua valores materiais para se sentir aceito ou usa como desculpa para preencher algum vazio no campo da sua vida.

O autor (2013, p. 107) pondera:

Obviamente, os mercados de consumo não vão resolver esses dilemas para nós, muito menos afastá-los ou torná-los nulos e inválidos; e não temos a expectativa que o façam. Mas eles podem estar (e estão) ávidos por nos ajudar a mitigar e até a eliminar as aflições de uma consciência culpada. E o fazem mediante os presentes preciosos e excitantes em oferta, os quais você pode espiar nas lojas ou pela internet, comprar e usar para fazer com que aquelas pessoas famintas de seu amor sorriam e se regozijem – ainda que por um breve momento.

Na problemática em questão, vale ressaltar que os pais ao invés de colaborar com a cultura dos filhos preferem satisfazer os seus desejos imediatos. Os principais passeios culturais, metaforicamente falando, são os shoppings centers e os outlets, isso acaba gerando a degradação do conceito de sociedade e cultura. O termo passa a ser sociedade de consumo, diante desse modelo mecanicista que assola a pós-modernidade é interessante trazer a família para a realidade da escola, pois é necessário educar as crianças de modo que a educação transcenda a família com valores reais e não meramente materialistas.

5 O PAPEL DO PROFESSOR NA ATENUAÇÃO DOS IMPACTOS DA BAIXA APRENDIZAGEM

Nessa perspectiva construtivista e interacionista, o professor não é visto como o centro, entretanto é considerado um mediador, que transmite o que sabe, de modo que aprende ao ensinar, logo, o conhecimento está em constante processo de construção. Vale ressaltar que em ciências humanas não existem verdades absolutas e que o conhecimento é socialmente construído e está em constante transformação, assim como o ser humano, consequentemente, inacabado.

O ser humano inconcluso, em constante processo de mutação, retira de suas experiências vividas diariamente conhecimentos que permitem transformar a vida em uma metamorfose constante e compreender os processos de aprendizagem, para que se possa, de forma efetiva, mediar o pouco de conhecimento adquirido. É um ato louvável de quem se propõe a tentar ensinar algo.

Vygotsky (1998) criou um importante conceito para o desenvolvimento da aprendizagem, denominado como ZDP, Zona de Desenvolvimento Proximal, em que a criança aprende através da interação com o meio e com o outro. É nesse momento que o professor pode intervir para a efetivação do aprendizado, tornando o aluno capaz de compreender ou realizar atividades que ainda não conseguia por imaturidade cognitiva e física ou apenas por falta de estímulos corretos. Por isso, a baixa aprendizagem deve ser vista com uma ótica diferente, pois pode envolver fator social, biológico ou psicológico.

Às vezes, a criança pode não compreender quando o professor fala, no entanto, compreende quando o colega de sala explica. Tal conceito também serve para a família. Quando a criança chega em casa para fazer a tarefa, pode assimilar melhor os conceitos devido à intervenção familiar, em que a mesma possui um vocabulário e uma visão de mundo diferente do professor. Por isso, o conhecimento é socialmente produzido pelo meio e suas relações.

Segundo Souza (2004, p. 60),

[...] A parte verbal de nosso comportamento, seja esta linguagem interior ou exterior, não pode ser de forma alguma atribuída a um sujeito individual tomado isoladamente; o enunciado verbal não se limita ao indivíduo que o expressa, mas pertence também a seu grupo social.

O docente, ao internalizar esse conceito como métodos valiosos na relação ensino aprendizagem, pode trabalhar de forma interacionista, dividindo a turma, colocando os que já absorveram o conteúdo para sentar com os que têm alguma dificuldade, de modo que a interação ajuda o discente. O centro da pedagogia moderna é o aluno e sua aprendizagem e, para tal, o docente deve se desdobrar para despertar no aluno a vontade de aprender, pois, mediante o desejo que ocorre a motivação do fazer por prazer.

Freud (2011, p. 78) conceitua:

Psicologicamente, seres humanos, tanto crianças quanto adultos, são capazes de todo o tipo de desejo, pensamento e fantasia. Eles são parte da condição humana; são o que mantém a criança viva dentro de nós, adultos; são necessários para a criatividade. Eles devem ser celebrados não negligenciados [...].

As formações inconscientes são regidas pelo princípio do prazer e, a partir deste, o educador pode articular mecanismos que sejam atrativos. Hoje, a educação foge do modelo engessado conteudista. Dessa maneira, uma visita técnica, aula de campo,

contação de histórias, músicas, vídeos, entre outros são recursos que provocam bem-estar e desejo pelo saber.

Pondé (2016) considera que a sociedade contemporânea vive um modo de vida hedonista, em uma insaciável busca por novidades e na educação não é diferente. Nesse sentido, o docente deve também investir na sua formação continuada, para levar para a sala de aula novidades, bem como assuntos atuais que inquietem os alunos e provoquem curiosidade, de modo que façam parte do cotidiano deles.

A educação tem como base o letramento, que é ensinar algo a alguém de modo que não seja apenas codificar e decodificar letras. O professor tem o árduo papel de civilizar o homem para que não seja vítima da decadência social e intelectual e tem uma responsabilidade social de ensinar para a vida a fora. Porém, essa percepção tem que partir dele, para que possa educar de forma emancipatória seu alunado.

Souza (2004) retrata que o docente só consegue sondar e compreender a necessidade de seus alunos por meio da fala. Nesse sentido, as condições de comunicação na sala de aula devem ser utilizadas de forma dialógica, pois, a partir da palavra, se resgata as mais ínfimas e efêmeras dimensões do mundo do sujeito. Desse modo, falar em aprendizagem requer uma filosofia assídua desse conceito, porque engloba vários fatores e é de extrema importância que o docente esteja preparado para contornar as adversidades que envolvem o ser humano. Por isso, que o caminho do sucesso pode muitas vezes advir do fracasso; concentrar-se nos erros é um mecanismo de criar métodos que obtenham sucesso na aprendizagem.

Cabe sempre uma reflexão filosófica sobre o ser professor e seu papel na sociedade, pois ensinar abrange as áreas do conhecimento ligadas à pedagogia, sociologia e psicologia. Dessa forma, nada pode ser desprezado se tratando da evolução do ser por meio do conhecimento, que perpassa a consciência, afinal essa é a intenção, pois ser professor é entender a complexidade que envolve a educação e o ser humano.

6 HANNAH ARENDT E A RESPONSABILIDADE PELA EDUCAÇÃO DAS FUTURAS GERAÇÕES

Hannah Arendt, considerada uma das mais influentes pensadoras do século XX, foi uma filósofa e cientista política, de origem judaica, conhecida como pensadora da liberdade, pois, segundo a autora, compreender é sinônimo de aceitar as adversidades sem preconceitos e lidar com elas.

Arendt (2007) ressalta que os problemas educacionais e éticos existentes são fruto da inversão de valores. Por exemplo: a escola passa a ser responsável pela educação das crianças quando, na verdade, é também de responsabilidade das famílias, no entanto, a família delega esta tarefa para a escola, omitindo-se do seu papel.

Desse modo, as famílias estão invertendo valores e isso acaba se tornando uma banalidade, sendo de fato um agravante, pois sabe-se que o ser humano é reflexo dos valores que são empregados na sociedade e esta engloba os seus responsáveis de forma explícita e direta. Cabe uma ressalva: a família é fator preponderante na constituição e formação do ser, logo a escola não pode assumir essa responsabilidade, até porque, sozinha, vai fracassar, pois é extremamente necessária uma parceria de seus tutores e não sua omissão.

Entender esse processo de inversão de valores é fundamental para uma análise crítico-social do atual modelo de família, embora que, para que mudanças ocorram, é preciso uma consciência de si, para si e para o mundo. Porém, nem todos têm e buscam essa consciência devido a um modelo de vida mecanicista.

Segundo a autora (2007, p. 241-2),

É como se os pais dissessem todos os dias: - nesse mundo, mesmo nós não estamos muito a salvo em casa; como se movimentar nele, o que saber, quais habilidades dominar, tudo isso também são mistérios para nós. Vocês devem tentar entender isso do jeito que puderem; em todo caso, vocês não têm o direito de exigir satisfações. Somos inocentes, lavamos as nossas mãos por vocês.

Como nem todas as famílias têm consciência de seu papel na inserção de valores ligados à educação, e as que têm pedem socorro por não saber o que fazer e como agir, uma alternativa é incluí-las na escola para provocá-las sobre seu papel como responsáveis pela formação da criança. A educação que os pais acham que devem proporcionar aos filhos é a do sistema voltado a bens de consumo e não valores, e esse é o retrato da condição humana. Isso ocorre por causa de um falso modernismo, pois a sociedade politicamente correta está mais interessada em colocar uma criança no mundo e terceirizar a educação, o afeto e amor do que assumir a responsabilidade por ela.

Arendt (2007) retrata que esse mal que permeia a vida moderna é um câncer roendo os verdadeiros valores, mas ninguém quer enxergar, afinal as máscaras de um modelo de família perfeita, feliz estão à venda no *hall* da hipocrisia. O que importa é ser consumista e presentear os filhos como forma de amor, até porque os pequenos entretidos nos *tablets* podem ser adestrados como um robô para não perturbar a família, que trabalha muito para manter os filhos, ou melhor, manter o sistema capitalista através dos presentes comprados para eles.

E quanto aos filhos, esses ficam nas escolas, afinal paga-se caro uma mensalidade para depositá-los e depois condicioná-los a um *smartphone*, pois esta é a sociedade escrava dos desejos instituídos pelo poder do consumo.

Hanna Arendt (2004) afirma que o ser humano deve evoluir, por isso enfatiza o conceito de “vida ativa”, que retrata as três atividades de caráter humano fundamental, e estas são: labor, trabalho e ação. Sob esse conceito, o termo ação refere-se à evolução humana por meio do conhecimento.

Desse modo, a condição humana deve ser voltada a um sentido existencial, ao bem comum. Assim, o trabalho é um meio para se chegar a um fim e o fim é o que dá sentido ao homem, sentido este que resume em amar e ter a responsabilidade pelo que se faz. Sob esse viés, é preciso refletir se realmente o trabalho é empregado na consciência humana com essa abordagem. Por isso, a provocação acerca do conceito de trabalho de Hannah Arendt é um ponto de luz para os educadores do mundo pós-moderno.

Haja vista que a sociedade está voltada a ver a sua condição de trabalho como um labor, como uma obrigação, onde o meio para se chegar a um fim é o lucro, é o contracheque, e isso limita a capacidade humana de evoluir diante da ótica humanista que é a educação, enxergar a vida profissional somente como labor é destruir todos os conceitos de educar, construir e formar o homem.

É importante salientar que o amor *mundi* está intrinsecamente ligado ao trabalho que conceitua amar e se responsabilizar pelo que se faz, valorizando o ser com suas falhas e competências diante das pluralidades humanas. Entretanto, é preciso um olhar crítico e menos ingênuo para compreender que vitimizar não enobrece ninguém e volta a repetir o mesmo problema da inversão de valores, ou seja, valorizar não é sinônimo de vitimizar.

Pondé (2016) considera que a educação contemporânea deve trabalhar de modo a emancipar tanto os alunos quanto os seus responsáveis, por isso a vitimização leva à miséria humana. Não se deve educar pessoas para viverem condicionadas a políticas de

estado, sob ausência de pensamentos e sim ser pensantes. Portanto, a problemática foi levantada para incitar a questão.

Sabe-se que, assim como a filosofia, a educação não é guardiã nem dona do conhecimento, mas é a única fonte que liberta mediante os questionamentos e indagações e esta é a proposta: buscar caminhos pelo espírito do discernimento e da razão, que faz pulsar a humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir a função da família, escola, professores e sociedade na educação nos tempos atuais pode auxiliar as escolas a lidarem com as dificuldades cognitivas e sociais de forma mais humana. A escola deve compreender que seu papel é o de ampliar a visão de mundo da criança, lidando com as dificuldades e conscientizando as famílias do papel importante que elas possuem. Um futuro bem sucedido depende de uma educação de qualidade, em que se considere todos os aspectos do desenvolvimento infantil, no qual escola, família e sociedade, em conjunto, sejam responsáveis pela formação de indivíduos mais autônomos e críticos.

A sociedade atual, cada vez mais disposta a se ofender facilmente, mais cheia de ressentimentos, preocupada com as aparências, precisa de pessoas capazes de transformá-la e isso só pode acontecer quando os problemas de aprendizagem forem encarados de frente. Trabalhar de forma coerente com as necessidades da criança possibilita uma melhor aprendizagem e, com isso, ela passa a perceber o mundo de forma diferente. Aceitar que existem dificuldades de aprendizagem e estudá-las é, de fato, o primeiro passo para que a transformação aconteça.

Diante do levantamento bibliográfico realizado, é possível afirmar que a família, como primeiro grupo social ao qual a criança tem acesso, é de fundamental importância para que ela possa se desenvolver de forma plena, ou seja, social e cognitivamente. Vale ressaltar que na sociedade pós-moderna a família ganha novas definições, possuindo diferentes formatos, com estilos de vida e estrutura econômica bem diferenciados. A escola e os demais grupos sociais também possuem grande influência, porém os valores morais e éticos são construídos e/ou reforçados pela família, o que vai determinar o processo de formação integral do ser humano.

A escola é o lugar de aprendizagem cognitiva e os valores devem ser reforçados pelos professores. A valorização do ensino, das práticas educativas e do professor deve

ser colocada em evidência, pois é através da educação escolarizada que se torna possível a desalienação do modo de pensar e agir do sistema capitalista. Em um mundo em que tudo pode ser comprado ou recompensado através do dinheiro, e que o conhecimento se torna uma coisa banal, não necessária ao olhar dos jovens, o professor tem a difícil função de ensinar a pensar, questionar, entender de fato a realidade. Para isso, o docente deve ter um olhar sempre atento, para saber orientar as crianças que não possuem estímulo real para a aprendizagem. Para isso, é necessário utilizar-se dos meios de comunicação eletrônicos, que estão cada vez mais presentes; abordar temas atuais; e, provocar os alunos para uma reflexão sobre o papel de cada um na sociedade.

Ao professor, cabe não romantizar demais a educação. Ele deve sim fazer o possível, não desistir e fazer sempre o seu melhor, porém saber seus limites e até onde vai a sua atuação é de fundamental importância para sua saúde mental e física.

A criança e sua formação na História nunca foi de fato o centro das atenções. O que sempre definiu o modelo de educação a ser seguido foi o modelo econômico adotado e seus interesses a longo prazo. A escola e os professores, por sua vez, são os grandes responsáveis pela mudança. Portanto, eles devem sim se preocupar com o ensino dos conteúdos, porém sua função social é bem maior: trabalhar de fato para a construção de uma sociedade menos consumista, menos vitimista e mais atuante politicamente.

Abstract: Faced with the social and economic reality imposed by capitalism, in which labor, consumerism and alienation are the way of thinking and living of most people, the education of children is once more abandoned, delegated to third parties who do not in fact, have or do not have the authority to do so, causing various disorders. The present article discusses the process of ethical and intellectual formation of the child, taking into account the influence of family, school and society in this process. The aim of this work is to reflect on the influence of capitalism in the process of formation of children, encompassing the new family models, their role and school, as well as the importance of working together between family, school and teacher to mitigate the difficulties of learning in postmodern society. The methodology used in the development of the article in question was a bibliographical survey based on the following authors: Zigmunt Bauman, Luiz Felipe Pondé, Hannah Arendt, Solange Jobim Souza, among others, who approach the concept of family, its influence in the teaching- the role of the school and the social and ethical role of the teacher.

Keywords: Capitalism. Postmodernity. Education. Family. School.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10. ed. São Paulo: Editora Forense-Universitária, 2007.

_____. **Responsabilidade e julgamento**. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BAUMAN, Zygmund. **Sobre educação e juventude**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. **Modernidade Líquida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmund; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BRASIL. **Constituição do Brasil 1988: comparada e comentada**. São Paulo: Price & Waterhouse, 1989.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Penguin Companhia, 2011.

JESUS, José Sérgio de; SILVA, Maria das Neves da. Um estudo dos fatores que impactam no baixo rendimento escolar. **Revista Projeção e Docência**, v. 3, n. 2, dez., 2012.

MACHADO, Diolene Borges *et al.* A família na pós-modernidade e suas representações midiáticas. **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, Curitiba, PR, 4 a 7 de setembro de 2009.

MARX, Karl Heinrich; ENGELS, Friederich. **Ideologia alemã**. Disponível em: <<http://www.jahr.org>>. Acesso em: 23 set. 2018.

PONDÉ, Luiz Felipe. **Filosofia para corajosos**. São Paulo: Planeta, 2016.

SILVA, Marcelo Carlos da. **Dificuldades de Aprendizagem:** do Histórico ao Diagnóstico. Disponível em: <<http://www.psicologia.com.pt>>. Acesso em: 03 set. 2017.

SOUZA, Solange Jobim. **Infância e Linguagem.** 8. ed. São Paulo: Papyrus, 2004.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZAMBERLAM, Cristina de Oliveira. **Os novos paradigmas da família contemporânea.** Rio de Janeiro: Renovar, 2001.